

Contar histórias a partir da tradição do griot

Fátima Verônica Santos
Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas – UNIRIO
Metrandia - Estudos da Performance discurso da imagem e do corpo
Or. Prof. Dr. José Luiz Ligiero
Bolsa Capes Reuni
Contadora de histórias e professora de teatro da Escola Eliezer Max

Sobre a origem da pesquisa

Essa pesquisa começou no segundo semestre de 2006, na UNIRIO, no curso de graduação em Artes Cênicas, na disciplina de interpretação V, na qual o conteúdo tratava de técnicas de atuação não-realistas, um curso de contação de histórias com referências da tradição do *griot*. Naquele momento eu estava grávida e essa condição facilitou minha comoção pelo conteúdo abordado e, ao me engajar na busca pelas histórias da minha família, e fazer o exercício de contar a história do meu nome, percebi através dessa prática outras possibilidades de atuação.

A disciplina foi ministrada pelo professor substituto Dr. Isaac Bernat, que realizava uma pesquisa baseada no trabalho do ator e o *griot* Sotigui Kouyaté o qual durante mais de vinte anos fez parte da companhia de teatro dirigida por Peter Brook, o encontro com esse *griot* propagou o olhar para uma tradição que valoriza a oralidade, a palavra e a história de seu povo.

Sobre o *griot* como referência

A palavra *griot* foi criada pelos franceses referindo-se à tradução de *dieli* (*Jéli* ou *Djéli*), palavra africana traduzida por sangue e que remete o *griot* ao sangue, pois ambos circulam, um pela sociedade e o outro pelo corpo. Em português existem pesquisas que traduzem a palavra *griot* como criado, alguém que está sempre à disposição. A origem dos *griots* é em Mali, oriunda do Império de Mandengue, onde a língua nativa era o Malinke ou Bambará. Com a colonização francesa na África Ocidental, os *griots* enfrentaram muitas adversidades para manterem a história e a cultura de seu povo, pertencentes à divisão da casta *nàmàkàlá*, na qual os direitos e os deveres são hereditários e referem-se a ofícios na sociedade. Responsáveis por guardar e transmitir a história dos reis e de seu povo, o *griot* é treinado na arte da palavra desde a infância e entre eles existem os que exercem o ofício de historiadores, genealogistas, contadores de histórias, poetas, músicos que cantam e tocam o tanta e o kora e os caçadores.

Ao contar histórias, contos e poesias épicas, os *griots* educam e encorajam seu povo, alimentando a memória, a consciência e o coração daqueles que os procuram, como um baú que guarda uma sabedoria ou um conhecimento acumulados em sua memória ao

longo de sua vida e que tem como veículo de transmissão as técnicas linguísticas orais, física e musical.

É preciso nascer *griot* para ser um e sua preparação é desde a infância, é um dever passado de pai para filho. A educação e a formação são responsabilidades da família e também de toda comunidade, a religião que seguem é uma mescla de islamismo com animismo e está totalmente inserida na sua formação, existe também o campo de iniciação, em que os homens passam por um período de provação. O ciclo de educação é dividido por períodos septênios (de sete em sete anos) sendo o primeiro com a mãe, o segundo com o pai, o terceiro na rua, aos quarenta e dois tem o direito a emitir a própria opinião e ao sessenta e três anos torna-se um transmissor. A palavra para eles é sagrada e tem o poder de trazer a cura ou a perturbação, então, desde criança, o *griot* aprende a usar seu poder, mantendo-se disponível para o outro, servindo-o com histórias, investigando genealogias, conduzindo e organizando festas, cerimônias, eventos culturais e assumindo diversas funções na sociedade. Engajado em valorizar e perpetuar as raízes do seu povo, seu papel na sociedade, o *griot* é fundamental, pois fortalece a resistência cultural. Contudo o *griot* não exclui o estrangeiro, ao contrário, aproxima-se da cultura do outro para que o outro receba e conheça o que a sua tradição traz e o que lhe sustenta.

Como um artesão da voz, o *griot* tem um comportamento diferenciado na sociedade, pois o seu dever de guardar e transmitir a história de seus reis e de seu povo lhe atribui a missão de mantê-las vivas na memória e no coração do outro. Ao contar suas histórias resgata algo que com o passar do tempo pode vir a adormecer o legado dos antepassados, portanto, suas histórias não podem ficar guardadas e esquecidas, devem permanecer na ponta da língua e no coração daqueles que possuem a arte da palavra.

Sobre o surgimento do *griô* brasileiro

No Brasil houve nos últimos anos uma apropriação do termo *griot* devido ao fato de a tradição oral ser bem presente na cultura popular brasileira, porém como já dito antes, é preciso nascer *griot* para ser um e não se sabe da vinda de alguma família *griot* para o território nacional desde a invasão dos portugueses. Essa apropriação revela no país a sede da cultura popular em valorizar e enraizar sua história, visto que já existem pontos de cultura, leis de incentivo e até editais trazendo a palavra “*griô*” na forma aportuguesada. Hoje já existem mais de 650 *griôs* mestres e aprendizes em todo país, construindo uma pedagogia e uma política nacional de cultura de transmissão oral e conseqüentemente uma outra tradição diferenciada do *griot* africano, outra vertente, todavia, o contato e o conhecimento com essa tradição africana evocaram no Brasil movimentos que têm a finalidade de propagar a cultura e a tradição oral.

É preciso ressaltar a importância da tradição oral nos fundamentos e desenvolvimento na formação da cultura brasileira e valorizar seus movimentos de resistência, pois são responsáveis por salvar as histórias do povo, os costumes rurais e urbanos, o folclore, as tradições religiosas, as lendas, as cantigas, os versos, a música e toda sorte de expressões de vida, transmitidas de ouvido a ouvido.

Sobre o exercício de contar histórias

A essa altura esta pesquisa, que tem como referência a tradição do griot, reflete sobre a importância do exercício de contar histórias e o quanto sua prática deve ser valorizada, pois esta se contrapõe fortemente frente aos recursos sedutores dos avanços tecnológicos. É uma técnica primária e tradicional, que para sua consumação efetiva requer apenas o encontro pessoal com o outro, porém, seus atributos são inúmeros.

Qualquer espaço deve ser aproveitado como meio e oportunidade de contar histórias. Na tradição *griot* o quintal de casa é o primeiro lugar onde a contação acontece, onde se inicia a transmissão do aprendizado de cultura, de ofícios, de música, de culinária. Nas salas de aula, por exemplo, ao contar minhas histórias, percebo que meus alunos se equalizam, concentram-se mais, além de exercitarem a capacidade de escuta e de imaginação, e quando eles mesmos ocupam o lugar de contadores, exercitam as técnicas linguísticas oral, física e musical, aprimorando sua comunicação.

Como um artesão da voz, o contador de histórias divide-se entre o narrador – que é quem do contexto, descreve os elementos relacionando-se com o(s) outro(s), põe e tira os personagens, determina o cenário, o enredo e o avanço dos fatos – e entre o próprio contador, que traz os personagens para a cena, explorando sua voz, seu corpo e seu gesto com integridade. Durante o exercício de contar histórias, dedica-se um cuidado com cada palavra, pausa ou ação, é um ato artesanal, que requer habilidade rítmica, ou seja, abrange as técnicas de linguística, oral, física e musical e que, segundo Hampaté Ba,

Para que a fala produza um efeito total, as palavras devem ser entoadas ritmicamente, porque o movimento precisa de ritmo, estando ele próprio fundamentado no segredo dos números. A fala deve reproduzir o vai e vem que é a essência do ritmo. A fala como uma materialização da cadência.

Quando nos comunicamos através da técnica linguística oral e física, utilizamos aspectos importantes da fala que a tornam um agente ativo de magia, penetrando o outro pela cútis, pelos olvidos e pelos olhos, carregando-a com saberes, intenções, motivações e arte. Segundo Hampaté Bá, “a razão de a fala ser grande agente ativo da magia africana se dá pelo fato de a fala conter poder criador e também a dupla função de conservar e destruir”

Ao observar os fatores contemporâneos do avanço da tecnologia e seus atributos ao campo da comunicação, trazendo a globalização como um de seus objetivos

centrais, colaborando para uma sociedade instantaneamente informada e conectada, é preciso refletir sobre a importância de transmitir o conhecimento também a partir do encontro pessoal com o outro, a fim de resgatar valores perdidos, tradições esquecidas, histórias desconhecidas, treinando ouvidos prontos para ouvir, olhos prontos para observar e língua pronta para falar. A velocidade que a tecnologia tem em levar e trazer informações causa a impressão de que o acesso imediato e impessoal é mais eficaz do que aquele obtido de forma pessoal e em ritmo diferente. Contudo, é preciso considerar a capacidade de comoção que tem uma história bem contada, no encontro pessoal com o outro, no poder de estar frente a frente, olho no olho, o gesto, a intenção na entonação da voz dada através da pronúncia de cada palavra, a soma do cheiro do ambiente, da luz do dia, tudo contribuindo para despertar todos os sentidos em favor do estreitamento dos laços sócio afetivos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Brasília 1987, pg. 197-221.

WALTY, Ivete Lara Camargo. *Passo e Compasso nos Ritmos de Envelhecer: ensaio sobre Velhice, Marginalidade e Oralidade, Resistência e/ou Exclusão*. EDIPUCRS.

GARSON, Isaac Bernat. *O Olhar do griot sobre o ofício do ator: Reflexões a partir de encontros com Sotigui Kouyaté*.

HAMPATÉ BÂ, Amadou. *A tradição viva: História Geral da África, v. 1*, SP, Ática/Unesco, 1980.